



## **A Fenomenologia da Paisagem em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto**

The Phenomenology of Landscape in *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*,  
Mia Couto

Sandra Fonseca Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe-se a investigar as paisagens do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, sob a perspectiva do personagem. As questões que norteiam esta pesquisa são: Como configurar as paisagens nos diferentes ambiente desse romance? Como evidenciar percepções do espaço natural e urbano na formação de concepções relacionadas ao sujeito e ao mundo?

**Palavras-chave:** Fenomenologia da Paisagem. Percepção. Mia Couto.

**Abstract:** This research proposes to investigate the landscapes of the novel, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, of the Mozambican writer Mia Couto by the character's perspective. The questions that guide this research are: how to configure the landscapes in the different ambience this novel? How to evidence perceptions of space natural and urban in the formation of the concepts related to subject and to world?

**Key words:** Phenomenology of Landscape. Perception. Mia Couto.

### **A Fenomenologia da Paisagem**

Ao longo do tempo, os estudos sobre ambiente econômico, social e cultural passaram a fazer parte de uma geografia humana, que considera o ambiente como parte constituinte do sujeito, o qual teve a necessidade de reavaliar e recriar sua realidade, tanto no ambiente ao seu redor, quanto sua forma de pensar. A paisagem foi um procedimento estratégico para isso, pois cada indivíduo compreende seu lugar no mundo, quando também reconhece o lugar do outro. Essa concepção se refletiu nos enredos e personagens da narrativa literária, em um princípio relacional entre a subjetividade e a alteridade (COLLOT, 2013).

A partir do século XX, a paisagem passou a integrar parte importante na escrita e análise de obras literárias, tanto na poesia quanto no romance. Como toda ação humana

---

<sup>1</sup> Graduada em Letra Português e Inglês e Pós-graduada em Estudos Literários pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras – Campus UNESPAR. Mestre em Letras, pela Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: sandrinhafp@gmail.com

desencadeia uma reação no ambiente onde se vive, é com essa ideia que se desenvolveram abordagens e meios para ampliar a reflexão sobre a ação do homem no espaço natural, abrindo perspectivas de diálogos sobre a paisagem e outras áreas do conhecimento, em uma transdisciplinaridade (ALVES; FEITOSA, 2010).

Collot explica a relação entre o sujeito e o mundo através da *fenomenologia*, campo teórico estudado por ele, por meio da teoria de Merleau-Ponty, sobre a fenomenologia da percepção. Para Collot (2013, p. 18), o campo fenomenológico define o território cognitivo vivido como um prolongamento do próprio corpo, reunindo “o sensível e o inteligível”. Essa noção ocorre a uma distância média entre o sujeito, que faz escolhas sensoriais, e a paisagem que ele observa. Essa ideia estreita a relação entre o campo fenomenológico percebido e a paisagem, unindo a teoria desses dois autores.

Merleau-Ponty (1991) afirma que o ser se funda no mundo fenomenológico, e é nele que ele se conhece e se percebe. Esse autor explica a relação entre o visível e o sensível, afirmando que, ao ver, o sujeito aprende com o olhar, mas a sensibilidade é o aprender com os sentidos. A partir dessa concepção, o homem se reconhece como existência, pois existir é ser no mundo. O indivíduo só tem consciência de si mesmo porque observa e reconhece o outro. No campo fenomenal, outrem é visto como parte final do sistema, pois, segundo Merleau-Ponty (1999), há a evidência do outro porque o sujeito não é transparente a si e sua subjetividade se arrasta em direção ao outro.

Pode-se afirmar que, à luz da teoria de Collot, a paisagem é uma extensão de região que se abre ao observador. Sendo um espaço percebido, ela é apreendida por um sujeito, a uma perspectiva do olhar. Sendo assim, a paisagem e o ponto de vista estão intimamente relacionados. Une-se, então, à noção de paisagem três componentes relacionados entre si complexamente: um local percebido, um olhar que observa e uma imagem formada a partir dessa relação.

Um dos principais ensinamentos da fenomenologia, conforme Collot (2013), é que a experiência sensível é fonte de sentidos, portanto, um ambiente só se tornará paisagem quando for percebido por um sujeito, pois a percepção é o pensar pré-reflexivo, uma intuição geradora de conhecimento, pensamento este que retorna, fortalece e se renova no sujeito. A observação cognitiva gera a experiência do mundo, visto que há uma comunicação indubitável entre o sujeito, que se abre a essa comunicação, e o mundo, que é inesgotável.

A fenomenologia funda o possível no real, pois o mundo é o que se vive. É exatamente dar sentido ao mundo a partir da experiência sensível, que faz transparecer as experiências sensíveis do sujeito com as de outrem, engrenando umas nas outras,

tornando inseparável a subjetividade da intersubjetividade, visto que a unidade de sentido se forma por meio das experiências passadas do sujeito, e da experiência do outro, em suas experiências presentes (MERLEAU-PONTY, 1999).

Na paisagem está implicada o ser-no-mundo do homem, uma vez que o sujeito tem a capacidade de transformar o espaço em lugar, e registrar na paisagem a sua existência humana, como afirma Collot:

Estamos em um lugar qualquer. Entretanto, pela falha entreaberta entre céu e terra, no afastamento que se desdobra, entre aqui e lá, os planos em perspectiva, uma orientação delinea-se, um sentido emerge, e o lugar torna-se *paisagem*. Pedaco de “país”, é verdade, arrancado do olhar à terra, mas que dá, por si só, a medida do mundo. Pois ele possui um *horizonte* que, limitando-o, torna-o ilimitado, nele abrindo uma profundidade, na articulação do visível e do invisível -, esta distância que é o palmo de nossa presença no mundo, este batimento do próximo e do longínquo que é a própria pulsação de nossa existência. (COLLOT, 2010, p. 205)

Percebe-se nesse excerto que a fenomenologia da paisagem está intimamente relacionada com o espaço e o lugar do sujeito no mundo. Horizontes se estendem diante da visão do indivíduo, que vê o mundo como seu espaço e o lugar. Nesse sentido, julga-se necessária a abordagem sobre o sentido destes dois termos - espaço e lugar – pois, apesar da percepção ser subjetiva, o sujeito que percebe a paisagem se objetiva aos espaços e lugares que constituem a paisagem e o mundo.

## 1 Espaço e Lugar

Tuan (1983), diz que o espaço começa a se transformar em lugar à medida que o sujeito o conhece melhor e o dota de valor, pois uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo, quanto conceitual. Conforme Tuan, a experiência do espaço vem quando há lugar de locomoção, pois, ao movimentar-se, o sujeito adquire seu senso de direção e a experiência subconsciente desse movimento. O eu, que se movimenta e se direciona, é o centro da organização do espaço.

O lugar é classificado por Tuan como classe especial de objeto, onde se pode morar. Tuan (1983) afirma ainda que o sujeito pode sentir a experiência do espaço de

diferentes maneiras, como a localização de objetos e lugares, as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e, ainda, como uma área que interliga lugares em rede.

A paisagem é um espaço, mas também é um lugar, pois um ambiente só é um lugar quando o sujeito que o observa e o percebe reconhece nele as afetividades e experiências passadas. Quando o sujeito observa uma paisagem, tem parte de seu pensamento ligado ao lugar, pois seu corpo é o ponto fixo entre a consciência e o mundo, e a perspectiva que o leva a compreender-se no mundo, por meio dessa consciência (COLLOT, 2013).

O espaço do homem é capaz de refletir seus sentimentos e mentalidade, visto que é frequente que a mente extrapole a evidência sensorial. Para Tuan (1983), o homem procura materializar seus sentimentos, imagens e pensamentos, além de apenas discriminar padrões geométricos na natureza e criar espaços abstratos na mente. Nesse sentido, os lugares são núcleos de valor, e preocupar-se com eles é reconhecer seu valor e realidade: “[...] Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva [...]” (TUAN, 1983, p. 20).

O homem organiza o espaço a partir de sua própria medida, uma vez que se relaciona intimamente com seu próprio corpo, se torna a medida de todo o resto. Em diferentes culturas percebem-se diferentes formas de organizar e dividir o espaço, de acordo com os valores que são atribuídos a ele, sendo assim, o termo “espaço” é abstrato, para o conjunto complexo de ideias que ele implica. A simples presença do homem já impõe um esquema no espaço e, mesmo ele não se conscientizando disso, marca tal presença atribuindo valores. Ao manifestar-se no espaço por meio de rituais, o homem eleva sua vida do simples cotidiano e, assim, se conscientiza de tais valores (TUAN, 1983).

Reflete-se, assim, a respeito do sentido que o homem dá aos termos “corpo”, “homem” e “mundo”, ao tomar consciência das coisas. Conforme Tuan (1983), o termo “corpo” sugere apenas um objeto, uma coisa que ocupa um espaço. No entanto, ao se referir aos termos “homem” e “mundo”, o pensamento se modifica; não se pensa mais em um objeto, mas sim em um ser vivo e espiritual, habitando, dirigindo e criando o mundo, que é seu espaço. Nesse sentido, o homem é um corpo vivo, não apenas um objeto, e o espaço é algo construído pelo ser humano.

A espaciosidade, segundo Tuan (1983) associa-se intimamente com a sensação de liberdade. Ter poder e espaço para se locomover e atuar é ter liberdade. Para ele, o espaço aberto não possui caminhos trilhados e nem sinalização, mas sugere o por vir,

uma vez que não segue a padrão algum. É passível de qualquer significado. Já o lugar é um espaço fechado e humanizado, um calmo núcleo de valores determinados. O ser humano necessita tanto de espaço quanto de lugar, pois, conforme Tuan: “As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva [...]” (TUAN, 1983, p. 61).

O espaço é necessário para a sobrevivência do homem e, quando esse espaço é grande, o homem põe em prática suas experiências cinestésicas e perceptivas, para elaborar conceitos e mudanças. Ao se tornar familiarizado, o espaço se torna lugar, que representa um mundo de significado organizado. Para essa organização ser possível, o lugar é caracterizado como espaço imóvel, pois, se houvesse uma modificação constante, o homem não seria capaz de atribuir sentido algum ao termo lugar. Já essas mudanças no espaço estão relacionadas ao tempo, uma vez que a sensação de tempo interfere na sensação de lugar. O ciclo da vida está analogamente relacionado com a passagem do tempo e a experiência de lugar:

"Aberto" e "fechado" são categorias espaciais significativas a muitas pessoas. [...] O espaço aberto significa liberdade, a promessa de aventura, luz, o domínio público, a beleza formal e imutável; o espaço fechado significa a segurança aconchegante do útero, privacidade, escuridão, vida biológica. É tentador especular sobre a relação destes sentimentos com algumas experiências humanas profundas, consideradas filogenética e ontogeneticamente. [...] Na escala temporal, da evolução cultural, o começo do urbanismo, com o desenvolvimento concomitante das idéias de transcendência, rompeu a concha do lugar orientado, nutridor de vida, das comunidades neolíticas. (TUAN, 1980, p. 31)

A paisagem, segundo Tuan, é uma organização dos aspectos naturais e humanos, capazes de proporcionar um ambiente favorável à atividade humana. Tal atividade se dá pela apreensão desse ambiente, e pela experiência que ele aflora no sujeito perceptivo, visto que a paisagem desperta sentimentos e emoções aos olhos de quem a observa. A interação entre paisagem e sujeito torna a apreciação da paisagem íntima e perpétua devido às lembranças de incidentes humanos. Tuan caracteriza como “topofilia” as

emoções e laços afetivos despertadas no homem a partir de um ambiente material. Segundo ele, esse termo agrega sentimento ao lugar. No entanto, a causa da topofilia pode não trazer o meio ambiente como causa direta, porém, este fornece o estímulo das sensações, que agem com a percepção da imagem, dando forma às alegrias e ideais do sujeito. Tais estímulos são potencialmente infinitos, visto que o sujeito, ao prestar atenção em um determinado lugar, decide valorizar ou amar esse lugar, uma vez que essa ação é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais atuantes em determinado período (TUAN, 1980).

O espaço ganha vida graças à ação do homem, que interfere e influencia esse espaço, tornando-o parte de si. Essa ideia reforça o conceito de espaço encarnado, como extensão do sujeito. Sobre essa noção de espaço, Merleau-Ponty (1999) reflete sobre o corpo próprio como terceiro termo, porquanto o espaço corporal singular torna-se fragmento do espaço objetivo ao conter o fermento dialético que o transforma em espaço universal, posto que, para o sujeito, o corpo não é apenas um fragmento de espaço, pois não existiria espaço se ele não tivesse corpo. Assim, o corpo em movimento assume ativamente o espaço e o tempo, retomando sua significação original, porque a experiência do corpo próprio ensina ao sujeito a consolidar o espaço em sua existência. Ou seja, graças à interação e inserção no espaço é que o homem garante sua existência no mundo, como extensão de si.

### **A percepção das paisagens, espaços e lugares de Luar-Do-Chão**

*Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto, é um romance narrado pela perspectiva do olhar de Mariano, neto que retorna à Ilha de Luar-Do-Chão, terra natal da família dos Marianos, para o enterro de seu avô Dito Mariano. Logo ao chegar, Mariano começa a receber cartas, a princípio anônimas, nas quais ele reconhece sua própria letra. Intrigado com a situação, visto que o médico da família afirma que o avô não está inteiramente morto, Mariano busca investigar a autoria das cartas.

Nas primeiras linhas do romance, a paisagem percebida pelo narrador-personagem revela o espaço se transformando em lugar, relacionado ao próprio corpo do sujeito, por meio de recordações remotas. O rio é a fronteira entre o continente, que representa o espaço, incerto e inseguro, e a ilha, lugar sagrado da família, que representa a ordem, a segurança e a afetividade. A terra e seus mistérios é quem comanda os passos do personagem Mariano, que diz que a morte é a cicatriz de uma existência anterior, como um umbigo. Segundo o personagem, é a morte que lhe vai ditando as regras no caminho até Luar-do-Chão:

Cruzo o rio, é já quase noite. Vejo esse poente como o desbotar do último sol. A voz antiga do Avô parece dizer-me: depois deste poente não haverá mais dia. E o gesto gasto de Mariano aponta o horizonte: ali onde se afunda o astro é o mpela djambo, o umbigo celeste. A cicatriz tão longe de uma ferida tão dentro: a ausente permanência de quem morreu. No Avô Mariano confirmo: morto amado nunca mais pára de morrer. (COUTO, 2003, p. 15)

O umbigo do mundo é relacionado ao lugar mais alto da terra, ponto fixo onde houve a origem da criação, e pode ser explicado até mesmo com termos da embriologia. Portanto, é evidente que a paisagem assimilada pelo personagem é fenomenologicamente transcendente, visto que ele associa sua terra natal ao centro do mundo, um lugar sagrado.

A Ilha de Luar-do-Chão representa o espaço transformado em lugar, no centro do mundo, pois é onde os personagens reconhecem familiaridades e afetividades. A ilha é um lugar com pouca abundância ecológica, sem muita importância na evolução humana, por isso possui grande importância no mundo da imaginação. Pode-se dizer que foi por esse motivo que Mia Couto escolheu a ilha como espaço de sua narrativa, pois, além da cultura tradicional, identificada nos personagens do romance, há um riquíssimo poder transcendente, por meio das paisagens percebidas, e isso se dá no campo da imaginação.

Na perspectiva do olhar de Mariano, a ilha lhe traz sensações únicas, próprias do lugar, que é interpretado como um prolongamento do próprio corpo: “o ar é uma pele, feita de poros por onde escoia a luz, gota por gota, como um suor solar” (COUTO, 2003, p. 55). Fica clara a relação fenomenológica entre a paisagem percebida e o sentimento que ela causa no personagem. Mariano deveria não somente entrar em sua casa, mas deixar que a casa fosse entrando em si, ideia que vem ao encontro da teoria de Merleau-Ponty (1999) sobre a geografia humanista, em que o sujeito percebe o lugar que ocupa como um prolongamento de si.

O caminho traçado pelo personagem adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são características daquilo que considera um lugar. Esses elementos do caminho percorrido constituem um lugar maior e remetem ao que Tuan (1983) define como lar: um mundo estável que precisa ser transcendido. O lugar desperta em Mariano lembranças da guerra, visões que ele não queria repetir, vindas de uma parte já morta

dentro de si. Portanto, sua escolha existencial de situar-se no lugar e organizá-lo, pressupõe uma decisão vital, uma vez que representa a criação do mundo que se escolheu habitar, pois: “Nenhuma pessoa é uma só vida. Nenhum lugar é apenas um lugar. Aqui tudo são moradias de espíritos, revelações de ocultos seres” (COUTO, 2003, p. 201).

Mariano recebe a primeira carta ao cair em sono profundo em seu quarto. Acorda já com os papéis escritos e, confuso, recebe a notícia de sua missão em Luar-do-Chão. Segundo a carta, ele não teria vindo à ilha para comparecer a um funeral, em verdade ele havia cruzado as águas do *Madzimi* para um nascimento, para colocar o mundo de Luar-do-Chão no devido lugar. Em vez de salvar o morto, ele teria vindo para salvar a vida de todos na ilha: “*Para salvarmos Luar-do-Chão, o lugar onde ainda vamos nascendo. E salvarmos nossa família, que é o lugar onde somos eternos*” (COUTO, 2003, p. 65)<sup>2</sup>. Fica evidente que, para o personagem, a casa e a ilha são o centro do mundo e precisam de constante renovação. A importância de se ter um lugar é expressa pela carta a Mariano: “*Os lugares são bons e ai de quem não tenha o seu, congênito e natural. Mas os lugares nos aprisionam, são raízes que amarram a vontade da asa*” (COUTO, 2003, p. 65). A ilha é o lugar dos Marianos. Mais ainda, a casa é um espaço que foi transformado em lugar,

*Nyumba-Kaya*, a casa grande dos Marianos, é um elemento importante na narrativa, um lugar que Mariano considera imponente, por ser o lugar da família, um centro do mundo dentro de outro centro: a ilha. É um ponto fixo representado por uma onde se acumulam as sensações e afetividades da família.

Mesmo sendo a casa da família, Mariano, uma vez afastado, não seria mais reconhecido por *Nyumba-Kaya* quando ele retornasse a Luar-do-Chão. Portanto, percebe-se no romance que Mariano precisa passar por um ritual de reconhecimento mútuo, ou seja, de recriação de sua casa. Assumir esse lugar como moradia é ter para si a responsabilidade de mantê-lo e renová-lo, para que não comprometa a própria existência humana.

Em muitas passagens da narrativa, a casa é percebida como um ambiente encarnado, relacionado ao corpo humano, em um campo fenomenológico, que compõe paisagens apreendidas pelos personagens. Um desses trechos é quando Mariano descreve a sensação que sente ao caminhar pelo corredor de *Nyumba-Kaya*, tendo sua alma enroscada, como se a casa fosse um ventre e ele “retornasse à primeira interioridade” (COUTO, 2003, p. 111). Essa relação entre casa e corpo se dá pela

---

<sup>2</sup> Optou-se pela escrita em itálico nas citações diretas que assim são apresentadas nesta dissertação, com o intuito de manter o texto com o formato original, como consta no romance.



situação existencial do sujeito, que habita o corpo da mesma maneira que habita a casa. Nesse trecho, Mariano começa a se despertar em lembranças e sentimentos passados, o que quer dizer que a paisagem assimilada por ele começa a fazer sentido: o visível começa a ser inteligível, pois o espaço encarnado ganha vida à medida que adquire significado e vai se tornando lugar. Pode-se dizer que Mariano exterioriza a sua vida nas coisas percebidas, em uma reciprocidade afetiva com o espaço, pois ele se expõe em direção às coisas e elas retornam em sua direção. Dessa forma, o personagem acarreta experiência, única responsável pelas lógicas de significação que fundam o mundo.

O rio *Madzimi*, nesse romance, é simbólico e faz parte da geografia do lugar, possuindo o importante papel de separar espaço e lugar, ou seja, o rio serve de fronteira entre o continente e a ilha. Esse pensamento fica evidente quando os personagens se referem ao continente como um lugar ruim, que foi conspurcado pela burguesia. A ilha é o lugar sagrado da família, quem sai se contamina com o que está do outro lado. Por isso Mariano deveria se iniciar novamente, passar por provações para retornar à família. Outra passagem que evidencia o rio como divisor de mundos é quando Mariano fala dos mistérios de sua tia Admirança, que saiu da ilha, no além-margem, e isso bastou para que nada soubessem dela. Nas palavras de Mariano, a pessoa se retira um meio passo e já está do outro lado do mundo.

O homem influencia o meio onde vive, assim como o meio também influencia o homem. Na cultura expressa em Luar-Do-Chão, essa relação é muito clara pela forma que os personagens tratam os elementos da natureza, como a terra, e como esses elementos influenciam a vida dos personagens do romance, pois cada cultura possui uma maneira de organizar e ordenar seus meios ambientes, assimilando-os conforme seus costumes.

Por estar por muito tempo afastado da ilha, Mariano sente a estranheza do lugar, como se Luar-do-Chão fosse lhe escapando, como uma canoa solta no rio. Pode-se dizer que ele mesmo está perdido, sem saber o verdadeiro significado de sua vida, relacionando os sinais de decadência e ruína da ilha como uma ferida dentro de si. Na visão do personagem, a ilha estava falecendo junto com o avô e seu desejo era que levassem o passado para longe do campo de visão, para que, como um cadáver, o tempo falecesse, esfarelado-se em poeira.

Na sexta carta, o avô afirma que, na cerimônia de Juca Sabão, teve certeza de que Mariano deveria salvar Luar-do-Chão. Para Dito Mariano, faltava à ilha um homem que viesse de fora, mas que fosse de dentro. Esse trecho representa a paisagem

fenomenológica percebida pelo personagem, pois há a exterioridade do sujeito e a interioridade do mundo, em um processo recíproco.

Segundo Merleau-Ponty (1999), esse sacramento simbólico da terra é a real presença divina, residente em um fragmento de espaço, onde ocorre uma espécie de comunhão, que garante ao indivíduo uma maneira de ser no mundo. Pode-se considerar que esse fragmento de espaço, na narrativa, é a ilha de Luar-Do-Chão, pois é o espaço transformado em lugar, onde os personagens tentam firmar sua própria existência no mundo.

No ápice do conflito do romance, a paisagem configurada é de profanação do lugar, ambiente sagrado, por conta de mentiras, responsáveis por ofender a terra e fechar o chão. Dito Mariano conta ao seu neto que um dos pecados cometidos fora por causa de um roubo que resultou na morte de Juca Sabão. Há um ritual de passagem da morte de Dito Mariano, com o objetivo de organizar a vida em Luar-Do-Chão, apaziguando deuses, para que a terra volte a abrir.

Após desvendar os pecados cometidos contra o lugar e contra a família, Mariano segue as orientações de seu avô para que o enterre na margem do rio, onde o chão era muito fofo. Como uma missão pessoal, somente com a ajuda de Curozero, Mariano começa a abrir a cova, dessa vez com muita facilidade. Assim que colocam Dito Mariano na terra, começa a chover: “Seu Avô está abrindo os ventos. A chuva está solta, a terra vai conceber (COUTO, 2003, p. 240), diz Curozero ao terminar o enterro. Dessa forma, Mariano garantiu a ordem ao caos em todo o espaço que ocupa, físico ou psicológico, por meio da transformação do espaço em lugar.

Mariano cumpre seus desígnios e caminha aliviado sob a chuva que cai em Luar-Do-Chão. Na perspectiva de sua visão, ele compreende os objetos do mundo como um prolongamento de si: “As roupas, molhadas, me pesam tanto que parece que elas é que me usam a mim. Uma estranha força me conduz, fosse eu pela mão de um destino”. Assim caminha Mariano, com passos mais leves, “um caminhar de anjo”, segundo sua tia Miserinha (COUTO, 2003, p. 243-244). Segundo Mariano, a ilha nunca lhe pareceu tão extensa, maior que o próprio rio, ou seja, o lugar já o reconhecia, ele já voltara a fazer parte do lugar. A ilha já era ele mesmo e a casa havia reconquistado raízes.

Diante dessa análise, conclui-se que *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, é uma evidência de que a obra de Mia Couto é repleta de paisagens, passíveis de análise. Sendo um estudo recente no Brasil, a fenomenologia da paisagem abre, com este trabalho, um precedente para que novas investigações envolvendo os estudos da paisagem sejam iniciados. Além disso, a literatura africana, de extração portuguesa tem

um importante representante, Mia Couto, autor de diversas obras riquíssimas, as quais podem ser analisadas sob diversos aspectos e que, portanto, merecem maior atenção por parte das pesquisas acadêmicas.

### **Bibliografia**

ALVES, Ida; FEITOSA, Marcia Manir Miguel (Orgs.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói: Ed. da UFF, 2010. p. 81-98.

COLLOT, Michel. De l'horizon du paysage à l'horizon des poètes (Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas). In: ALVES, Ida; FEITOSA, Marcia Manir Miguel (Orgs.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Niterói: Ed. da UFF, 2010. p. 191-217.

\_\_\_\_\_. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.